



### MAURO RASI

## O crepúsculo da deusa!

A "tragédia" de Carmem é o Sunset Boulevard do society brasileiro. "Tragédia em termos, não?" — corta tia Norma — Não pode mais comer saumon, vai ter que se contentar com surubim... Eu a achava arrogante, antipática, mas daí ela foi ao teatro assistir a "Pérola" me procurou no camarim e me deu um cartão com a foto de um gatinho fofinho com um livrinho. E escreveu atrás: "Respecter le chat, c'est le début du sens esthétique." Eu, claro, achei simpaticíssimo. Bem, não sei quanto ao papo no corredor e terminamos cantando uma canção italiana que faz parte da nossa memória afetiva (somos ambos oriundos). Tia Norma acha que temos muito em comum — "O nariz é o mesmo!" — e essa fixação na França dos Luizes e na Rússia dos czars... De fato, nunca simpatizei com Roberto. Nem quando quis ser político correto. Foi como tentar gostar de Godard quando quis ser esteticamente correto. Quem sabe Godard não tenha tentado destruir o cinema? Em compensação, por madame Du Barry sentia um carinho. Tivesse sido o André Chénier e teria tomado o seu lugar no patíbulo.

Com Lenin foi a mesma coisa, embora tivesse um pouco mais de simpatia por Trotsky, talvez porque fosse mais relacionado... ou então pelo fim trágico que teve. Quando ao mínimo Joseph, disgusting! no mínimo. Mas apesar da afinidade que sinto pelos Romanov, não tenho bem certeza se em 17 estava defendendo ou atacando o palácio de inverno — e isso numa época em que pensava ser o czarévitch resgatado numa Bauria perdida no interior de São Paulo. Mas são divagações, passatempos, simples jogos de salão. "Simples?? — vociferava tia Norma — Você e Carmem não ter perdido o pescoço inúmeras vezes por essas encarnações afora..." Tia Olga acha que é bem mais fácil encerrar a guilhotina do que a mídia. — A guilhotina pelo menos é rápida.

‘M’as ela também não pode reclamar, porque aproveitou um bocadinho. Ah, se aproveitou! E a nossa Maria Antonieta, diz que já tem gente cantando cá fora...ca ira...pelas ruas. Tá todo mundo a-do-ran-do! Perguntei pra minha vizinha: Por quê não tem pena dela? — "Bua não! Tem muita gente no Brasil que é mais digna de pena do que ela — e enumerou — os meninos de rua, os velhinhos os aposentados, o Rubinho Barichello, que nunca chega lá..."

Que prato pra mídia (e não só a mídia) exercitar sua crueldade! Desde o caso do Rock Hudson que não se via "grazer" igual. Uma hipocrisíssima! As "amigas" dizem que vão oferecer um almoço pra ela fazer uma reentree... Almoço pra quê? Se querem ajudar, devam é se cotizar, junta umas 15 "amigas" cada uma dá US\$ 100 mil — "Que não é nada! O que são cem mil dólares? Uma sópeira da Companhia das Índias!" — dá um milhão e meio, abre uma poupança fantasma, vai dar pra viver tranquilamente só com os juros. Quando eu quebrar vocês não me venham com solidariedade teórica e averte tia Norma — Organizem um chá de commodities pra eu aplicar, que numa hora dessas a gente tem que ser prático.

Botar um pé de papo e emergir! Embora uma papisa do Tão Malalê, hó, hó, não é qualquer apocuíreiro (leia-se emergente) que ganhou milhões de dólares que pode virar sociedade... "Querida só ver se ela não receberá o Tão Malalê, hó, hó, de preferência com toda a sua boiada! Recebem até o "caixa alta", Kashogi, aquele mercenário do Spectro, aquela organização dos filmes do James Bond. O Alfredo Nobel, pelo menos criou uma instituição para limpar a sua pólvora." Tia Isa acha que armas atualmente estão em baixa. "Muita concorrência. O negócio agora em Curitiba tentando divulgar o incidente em Manaus. — Não queremos que outros passem pela situação de incompetência e desonestidade que enfrentamos — diz Azevedo. — A história, já registrada por jornais de Manaus, começou

# O Don Juan enganado

### Falcatrua ameaça ida de peça dirigida por Gerald Thomas a Curitiba

LUIZ FERNANDO VIANNA  
Enviado especial

CURITIBA — Um "cabote" em Manaus ainda ameaça as apresentações de "Don Juan" no 4º Festival de Teatro de Curitiba. Difícil de ser transportado em avião em razão de seu tamanho, o cenário ainda está na capital amazonense, onde há duas semanas o espetáculo de Gerald Thomas viveu uma temporada desastrosa, deixando de receber R\$ 30 mil do que fora prometido pelos promotores locais e, por isso, cancelando uma das sessões previstas.

Penha Davidowitch, produtora executiva da peça, disse ontem, de São Paulo, que não cogita a possibilidade de não participar do festival e que o cenário deve chegar hoje às 17h.

Fernanda Torres, Ney Latorraca e o restante do elenco chegam hoje a Curitiba, sem Gerald, que está em Viena. O diretor de montagem, Domingos Varela, e o ator Marcos Azevedo já estão em Curitiba tentando divulgar o incidente em Manaus.

— Não queremos que outros passem pela situação de incompetência e desonestidade que enfrentamos — diz Azevedo. — A história, já registrada por jornais de Manaus, começou



Latorraca e Fernanda em "Don Juan", que pode ficar de fora do festival

quando o suposto produtor amazonense Max Stanley do Nascimento assistiu ao espetáculo em São Paulo e acertou com o Manaus pagando R\$ 45 mil por três apresentações no Teatro Amazonas. Stanley ainda levanta "Don Juan" a São Luiz e Brasília.

A empresa de Stanley não pagou o adiantamento prometido e só entregou os R\$ 15 mil referentes à primeira apresentação quatro dias antes da sessão, dia 12. O elenco avisou que não faria o segundo espetáculo se não recebesse o pagamento. Stanley pagou apenas R\$ 4,9 mil — em cheque que se descobriu depois não ter fundos — mas houve a apresentação mesmo assim.

No domingo, Stanley tentou arrumar dinheiro num bingo, não conseguiu, e os atores decidiram explicar ao público porque não se apresentariam. Parte dos espectadores queria ver a peça de qualquer maneira, o que levou Fernanda Torres a dizer que a única garantia que os atores têm "é o direito de entrar ou não em cena". O cenário só pode ser retirado do teatro graças à intervenção de Jorge Fagundes, irmão de Antônio Fagundes que mora em Manaus. Ele conseguiu pôr o cenário numa transportadora, onde ficou até agora.

Luz Fernando Vianna viajou a convite da organização do festival.

## 'Trilogia tebana' conquista o público

CURITIBA — Com os atores já ambientados dentro das grandes dimensões do Teatro Guaíra, "Trilogia tebana" conseguiu na noite de quarta-feira o que só "A rua da amargura" havia conseguido no festival: ser aplaudida em cena aberta. Aconteceu durante "Antígona", a segunda parte do espetáculo de Moacyr Góes. A recepção do público foi mais calorosa do que na primeira apresentação, em que a grande distância entre palco e plateia provocou uma encenação mais fria do que a habitualmente feita no Teatro Glória, no Rio.

É tão grande o Guaíra que se torna difícil estimar o público. O próprio Moacyr não acreditava que houvesse mais de 600 pessoas na sessão de terça-feira, mas a bilheteria acusou 750 espectadores, um público excepcional para um espetáculo que faz temporada no Rio num teatro de 300 lugares. Os atores consideram a apresentação de quarta-feira de "Eúipo rei" e "Antígona" — a terceira parte da trilogia de Sófocles, "Eúipo em Colona", será feita só no início de 1996 e para cinema — uma das melhores que já fizeram.

Nas próximas duas semanas, Moacyr vai fazer o teste de preparação de um novo show de Elba Ramalho, que estreará em Salvador.

# Brasil não verá mais Théâtre du Soleil

### Falta de verba adia encenação de 'Tartufo'

HELENA CELESTINO  
Correspondente

PARIS — O sonho acabou. Depois de quase um ano de negociações para levar o Théâtre du Soleil ao Brasil, a empresária Ruth Escobar teve de cancelar a turnê na última hora: ela não

conseguiu reunir o dinheiro necessário para a viagem do grupo ao Rio e a São Paulo, apesar de todos os descontos concedidos pessoalmente por Ariane Mnouchkine, diretora da trupe e grande dama do teatro francês. Se os patrocinadores aparecerem, uma excursão pode acontecer no próximo ano, em maio ou junho, depois do encerramento da temporada parisiense.

O Théâtre du Soleil, um dos mais criativos e importantes grupos de teatro europeu, deveria se apresentar este ano, pela primeira vez, no Brasil. Tudo já

estava combinado e os brasileiros teriam o privilégio de ver a versão de Ariane Mnouchkine para a peça "Tartufo", de Molière, antes mesmo de ela estreiar na Cartoucherie de Vincennes, em Paris. O espetáculo vai estreiar esta semana no Festival de Viena e, em julho, terá direito a todas as honras no Festival de Avignon, onde será montado no parque de exposições de Chateaublanc. Na abertura, a agenda do Théâtre du Soleil, o mês de setembro estava dedicado ao Brasil.

— Ainda achamos que pode

dar certo em 1996 porque Ariane gostou da ideia de levar "Tartufo" ao Brasil — afirma Natalie Thomas, responsável pelas turnês do grupo.

Ninguém conta quanto custaria uma turnê do grupo no Brasil, mas sabe-se que o preço é alto, pois o Théâtre du Soleil sempre fez grandes espetáculos nos seus 30 anos de existência, com muitos atores em cena, cenários imponentes e figurinos luxuosos. Em "Tartufo", por exemplo, 14 atores estarão no palco, entre eles a brasileira Juliana Carneiro da Cunha.

**canecão**  
verde, anil, amarelo cor de rosa e carvão

**MARISA MONTE**

EMÍ 1994/1995

**CURTA TEMPORADA DE QUINTA A DOMINGO**

TEL.: 295-3044 - ESTACIONAMENTO NO RIO SUL

## Diretor vê Spielberg como colaborador

ORLANDO, EUA — Escolhido — ungião seria verbo mais adequado — depois que Spielberg (que também começou carreira na TV) viu um episódio do seriado "Brooklyn Bridge" dirigido por ele, Brad Silberling é um daqueles raros casos onde a estrela da sorte brilha para um trabalhador dedicado. Modesto e consciente da oportunidade trazida pelo acaso, Silberling fala com admiração de seu mestre e professor, que o acompanhou passo a passo as filmagens de "Gasparzinho".

desenvoltura sobre a alta tecnologia de computação digital que fez nascer os fantasmas de "Gasparzinho". Segundo ele, os efeitos de seu filme fazem os dinossauros de "Parque dos dinossauros" parecerem "rudimentares".

— Aqui são 28 trilhões de bytes, o que corresponderia a 19 milhões de disquetes explica ele. — Em "Parque dos dinossauros" os animais criados por computador apareceram por mais de seis minutos. Em "Gasparzinho", os fantasmas estão em cena durante 40 minutos. Ou seja, metade do filme.

“ Spielberg trouxe sua criatividade e me deu proteção ”

“ Os valores do filme são mais bem-vindos hoje do que há 50 anos ”

— Ele trouxe sua incrível criatividade e, especialmente para um estrepante como eu, proteção — conta Silberling. — Em nenhum momento os chefes do estúdio interferiram.

Lembrando que Robert Zemeckis não teve a mesma sorte enquanto fazia "Forrest Gump", Silberling não tem medo que a influência do mestre se sobreponha à sua criatividade. E considera Spielberg uma espécie de "colaborador".

— Vendo o filme, você percebe que há o "toque de Spielberg" desde o roteiro até a maneira como o fantasma olha para a garota — conta o diretor. — Se não fosse ele telefonar pessoalmente para Mel Gibson e Clint Eastwood, os dois nunca estariam no filme.

— Os valores que "Gasparzinho" representa, a amizade, a bondade e a inocência, são ainda mais bem-vindos hoje do que há 50 anos — diz ele.

Consciente de que sua estréia no cinema poderá ser um dos hits da década, Silberling não se acomoda. Ele já trabalha num novo projeto que, garante, nada terá a ver com o esquema de uma superprodução.

— Vou rodar um filme de orçamento modesto, uma comédia romântica — conta ele. — A estrela é uma desconhecida, Claudia Shear, que nunca fez cine-

Segundo Caderno

Editor do Suplemento — Milton Afrachad  
Editor-responsável — Arthur Daplevo  
Chefe de Reportagem — Carla Loureiro  
Subeditor — Luiz Henrique Romanholli

**DEPARTAMENTO DE TEATRO DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS**

Estamos convidando vocês adolescentes e adultos a participarem de uma seleção de bolsas parcial e integral no dia 01/06 das 15:00 às 19:30h para o seguinte curso: "Teatro".

Direção geral: Tania Moraes

**LICEU DE ARTES E OFÍCIOS**  
Rua Frederico Silva, 86 - Praça XI  
224-5814 RAMAL 27

Apesar de ainda desacomodado com as superproduções de Hollywood, Silberling fala com

